

RÁDIO NA RUA: A RÁDIO DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Alexandre Missel Knorre¹; Lílian Rodrigues da Cruz²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, misselmusica@gmail.com

Ativismo e Movimentos Sociais

Resumo: A Rádio Na Rua³ (RNR), a rádio das pessoas em situação de rua de Porto Alegre é um dispositivo/intervenção/performance criada junto as pessoas em situação de rua da região central da cidade de Porto Alegre, inicialmente, enquanto utilizavam o serviço do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centropop) e, posteriormente, apenas na rua. A RNR surgida dentro desse estabelecimento da assistência social, funcionou com a utilização de equipamentos eletrônicos de sonorização (microfones, amplificadores, pedal de looping) como um modo de concentrar as pessoas em torno de uma tarefa em comum. Os equipamentos de som e a performance de conversas microfonadas, músicas preferidas, brincadeiras, desabaços e denúncias, explodiram narrativas singulares de vida. Essa potência comunicativa e amplificadora da rádio foi levada para além do Centropop, a pontos centrais da cidade ocupando o espaço público, em meio ao trânsito das pessoas. Na rua, a rádio funcionava abordando, convidando, incluindo as falas dos transeuntes; toda a rua tinha o potencial de virar notícia e pauta da rádio. Após desvincular-se da assistência social do Estado, a RNR virou ferramenta de expressão e multiplicação de sentidos/ideias/afetos à população de rua e a outros movimentos sociais – propulsionando convívio entre diversos atores sociais em praça pública com a possibilidade de embaralhar significados e referenciais estigmatizantes possibilitando novas perspectivas entre os envolvidos.

Palavras-chave: Pessoas em situação de rua; rádio na rua; intervenção urbana; políticas públicas

A RNR nasce a partir da parceria da ONG Rede do Circo com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) e a coordenação de artes cênicas da secretaria municipal da cultura de Porto Alegre, através do projeto Circo da Cultura: Ações Culturais no

1 Psicólogo, Mestre em Psicologia Social e Institucional UFRGS

2 Doutora em Psicologia (PUCRS)

3 Usarei a sigla RNR para me referir a Rádio Na Rua no desenvolvimento do texto.

Centropop. Nesse estabelecimento para as pessoas em situação de rua, mesmo com a rotina de trabalho dos técnicos, com os procedimentos de higiene dos usuários, com o lanche, com as oficinas de artesanato e de música, com os momentos de educação física, a fundação e a equipe do Centropop percebiam falta de adesão dos usuários às tarefas como um fracasso das propostas propostas, como resistência dos usuários geradora de ociosidade. A FASC enxergou no trabalho do Circo da Cultura no ano anterior, com os espetáculos circenses, teatrais e musicais com as crianças dos SASE⁴, uma possibilidade de qualificar esse “tempo ocioso” dos usuários no Centropop.

O Centropop foi implementado pelo Decreto no 7.053/2009 constituindo-se numa unidade de referência de Média Complexidade, de natureza pública e estatal. A tônica do atendimento é a proteção, ressocialização, com reinserção na família e/ou comunidade, respeito às diferenças, dignidade do humano, direito a cidadania, resgate de auto-estima, autonomia e, principalmente, a saída da rua (Brasil, 2009). No Centropop 1, o qual me inseri, foi construído nas adjacências do prédio de um abrigo municipal na zona central da cidade. O espaço físico foi reorganizado para garantir o atendimento de 60 pessoas por dia (30 pessoas por turno). A equipe era formada por psicólogos, assistentes sociais, enfermeira, professor de educação física, equipe administrativa, atendentes, monitores, segurança, agentes de limpeza, estagiários, porteiro e oficineiros. A rotina envolvia seleção de casos prioritários, ainda na portaria, elaborando-se uma lista para ingresso no serviço. Acontecia uma reunião inicial de acolhida com encaminhamento à triagem e ao técnico correspondente de uma demanda relatada⁵. Se não precisavam de nenhuma intervenção técnica ou encaminhamento específico os usuários se organizavam entre tomar banho, lavar roupa, fazer lanche, assistir TV, descansar da rua. Sistemáticamente acontecia uma assembleia onde equipe e usuários conversavam e deliberavam sobre necessidades, direitos, demandas e usos do serviço. A equipe do Centropop também tinha uma reunião semanal tanto para discussão de casos

⁴ O projeto inicial do Circo da Cultura era apenas com as crianças, com oficinas semanais durante o ano que serviriam para a montagem de um espetáculo desses estudos artísticos no final.

⁵ Exemplo de demandas: usuários roubados precisando de documentos novos; pessoas vindas do interior encaminhadas a albergues; encaminhamentos a unidades de saúde; necessidade de banho, alimento, roupas novas, conversa, etc.

individuais quanto para organização geral do espaço. A rotina era pacífica em sua maioria, mas constantemente ocorriam problemas de comportamento, algumas disputas de território que estressavam o ambiente. Havia dificuldade de organizar e manter grupos de trabalho com os usuários. A aderência a propostas grupais de longo prazo era facilmente desfeita.

A equipe do Circo da Cultura estudava o que poderia ser essa falta de adesão e como desarticular os comportamentos estereotipados, passivos e institucionalizados dentro do Centropop. Em dias sem participantes na “sala de oficinas”, eu rompia com a espera indo a outros espaços de convívio interagir com as pessoas. Observava. Conversava. Ouvia histórias de vida, depoimentos, muita opinião sobre futebol, histórias de amor, ladaias⁶. Descartei as salas que confinavam as oficinas pela falta de adesão e também por entendê-las como determinações institucionais limitadoras a construção de novas alianças. Assim, pude me lançar ao desejo de experimentar outras parcerias em outros espaços do estabelecimento. Esse trânsito detonou novas cores e possibilidades. “Rejeitar” a oficina na sala foi fundamental para conhecer os usuários. Conhecê-los disparou novos horizontes.

Juntos com a coordenação do Circo da Cultura decidimos realizar um circuito de performances artísticas interativas no Centropop. Cada artista da nossa equipe ocuparia, ao mesmo tempo, um lugar no espaço físico do estabelecimento. Com a performance montada e posicionada, funcionaríamos como ilhas por onde os usuários navegariam conforme suas motivações. Minha ilha foi composta por equipamentos de som: caixa de som, um pedestal, um microfone com cabo e o pedal de looping⁷. Esses equipamentos eram para ser “diversões provocativas”. Não fazia ideia do que aconteceria. Montei os equipamentos, mostrei como funcionava para uma ou duas pessoas. As vozes e sons começaram a ser repetidos em looping pelas caixas de som. Não demorou para formar um grande ajuntamento de pessoas querendo manusear o microfone e ouvir as reproduções sucessivas. O truque da repetição do som, do ouvir a própria voz repetidamente, encantou a muitos. Aconteceram falas, músicas,

⁶ Ladaia é a palavra utilizada na gíria da rua para definir problema, mentira, roubo, tráfico, confusão, enganação.

⁷ Looping é uma palavra da língua inglesa que significa fazer laços, fazer voltas. O pedal de looping é um equipamento eletrônico utilizado por músicos acionado com o pé, ele grava o som gerado e o repete até ser desligado.

brincadeiras, piadas. O Lasanha imitou o Sílvio Santos, o Cicatriz cantou a música Vapor Barato. Gostaram de se ouvir. Quiseram falar depois de terem gostado de se ouvir.

Desse momento em diante a aparelhagem eletrônica de som tornou-se ferramenta de trabalho. A conversa ganhando volume, a expressão oral sendo microfonada, o microfone sendo manuseado se tornaram ferramentas com as quais sentiam-se sujeitos com falas relevantes, desejosos de se expressarem.

Após o evento com o pedal de looping, surgiram propostas de jogos, brincadeiras, entrevistas para nos mantermos exercitando o uso da fala nos microfones e dos aparelhos eletrônicos, construindo o ambiente de uma rádio. Em seguida, construí uma “rádio poste” dentro do Centropop: instalei caixas de som pequenas no perímetro do pátio interno de convívio. A presença constante de caixas de som, de cabos, *plugs*, inventava o pátio como um local para oficinas, definitivamente. O pátio era o local mais aberto aos encontros e experimentações coletivos. A RNR gerou um novo platô de permanência no Centropop, compartilhando o espaço físico, histórias e o tempo juntos. O pátio, as conversas públicas, os equipamentos eletrônicos de sonorização nos agruparam. O som nos abraçou, conectando-nos através da força das narrativas. Alguns deixavam de usar drogas nas noites anteriores as oficinas da rádio no entendimento de que a ressaca os incapacitava a performar o repórter – a sobriedade não era um objetivo moral mas operado pela desejo de performar o repórter.

Tive a intenção de envolver técnicos e usuários na realização da rádio do Centropop funcionando todos os dias, mesmo sem a minha presença. Ensinei as pessoas a mexerem num “kit” contendo microfones, mesa de som, amplificador, tocador de músicas em MP3. Bastava o “kit” ser ligado e a rádio estava no ar⁸. No entanto, a rotina de afazeres da equipe de trabalho e dos usuários não encontrou brechas para a realização sistemática da rádio. A realização dependeu da minha presença que acontecia apenas um dia por semana. Outra intenção era construir uma rádio que se comunicasse com outros estabelecimentos da FASC como abrigos, albergues, escolas. Esse novo desdobramento da RNR não foi autorizado financeiramente pela mantenedora.

⁸ Existe uma reportagem do jornal da TVERS sobre essa rádio poste dentro do Centropop. Ela pode ser acessada em <https://www.youtube.com/watch?v=T2GhxecUoiE&index=49&list=LLdXVp1TUiLdi0nf1cmF8pwQ>

Paralelamente às oficinas da rádio dentro do Centropop fazíamos de 4 a 5 intervenções no ano com a RNR ocupando um espaço público em localidades urbanas, variadas, centrais e de grande circulação de pessoas. Executava-se uma performance com o interesse de mobilizar os transeuntes com músicas, danças, entrevistas, sorteios, contação “causos”, piadas, relatos de vida. Todas as atividades propostas eram realizadas pelos repórteres da rádio (as pessoas em situação de rua). Os equipamentos de som, caixas de som, cabos, mesa de som, microfones, banners, balões coloridos, performavam na ocupação da calçada e na abordagem poética dos transeuntes/anônimos. Como mediador das conversas e técnico dos equipamentos articulava, junto aos repórteres essa abordagem inusitada dos participantes, intervindo com humor e delicadeza. Toda a rua com o potencial para tornar-se notícia. Qualquer pessoa que passasse pela rádio poderia ser surpreendida pelos microfones: ambulantes, doutores, desocupados, consumidores, turistas, estudantes, amantes. As intervenções pretendem desarticular trajetos na cidade interferindo no movimento do corpo pelo espaço e, também, pelos afetos e ideias. Os sujeitos da rádio compartilham suas vidas e as histórias se cruzam criando um plano de consistência pela desestratificação do discurso dos envolvidos no ambiente da rádio, disparando multiplicidades “[...] num movimento de desterritorialização generalizada onde cada um pega e faz o que pode, segundo seus gostos, que ele teria conseguido abstrair de um Eu, segundo uma política [...]” como diriam Deleuze e Guattari (1996) sobre a construção de um campo de imanência na desarticulação de estratificações. Existem algumas estratégias na ocupação do local público. Um pequeno enclave de chão firme da cidade. Propício a usar som alto durante 2 horas. Um local central, um *chakra* urbano, que funcione como um brete: onde os transeuntes necessariamente precisam passar. Um lugar que seja significativo à população de rua, por exemplo, numa remoção feita pela prefeitura.

“Onde a senhora vai com esses carrinhos de livros? Sobre o que são esses livros?” Assim a RNR entrava na intimidade de uma transeunte que levava uma coleção de livros do marido que falecera. Animada dizia que os gostos do esposo precisavam de novos apreciadores, e por isso doaria os livros. Intromissão. A rua é puro choque. Clinamen. Uma valsa de intromissões em par com a vitalidade rizomática da cidade. Desdobrar as vidas

interrompendo trajetos, buscando seus biografemas parece trazer a conexão de intensidades singulares entre os envolvidos na rádio.

Os repórteres da RNR em sua maioria, negros, nordestinos, índios, têm comumente suas vidas estigmatizadas por significações simplificadoras, contribuindo à criação de restrições nas suas interações sociais e das suas possibilidades de vida. A RNR tem o intuito de embaralhar esses estereótipos e referenciais duros. Numa das rádios no centro de Porto Alegre no local conhecido popularmente como Esquina Democrática⁹, realizamos uma performance onde o sorteio de brindes e entrega de prêmios para respostas corretas a adivinhações/pegadinhas juntou um grande público. Ganharam de quem imaginariamente não tem o que e ofertar. Muitas pessoas que foram interpeladas pelos brindes e microfones da população de rua viviam pela primeira vez a interação com alguém em situação de rua. Viveram a multiplicação de definições, inclusive, controversas sobre a galera da rua.

Essa performance nos espaços públicos, na rua, é a potência que mais interessa a RNR. Inclusive após o Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff (2016) com a insidiosa desnutrição das Políticas Públicas de Assistência Social do Estado que inviabilizou uma série de serviços, parcerias e projetos desenvolvidos pela FASC, a oficina semanal da RNR desenvolvida desde 2012 no Centropop, foi desativada. Assim a RNR segue acontecendo apenas na rua com novas parcerias: coletivos, ONGs, fundações não governamentais e grupos organizados em função de demandas sociais necessitados de um novo dispositivo para manifestarem-se publicamente. Aconteceram RNRs nos aniversários do Jornal Boca de Rua¹⁰, em manifestações do Movimento Nacional da População de Rua¹¹ (MNPR), com a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), com a Escola Porto Alegre (EPA) especializada em educação da população de rua – no dia Mundial dos Direitos Humanos junto aos Mbyá Guarani em retomada a terras ancestrais no litoral norte do Rio

⁹ Intersecção das ruas Borges de Medeiros e Rua da Praia, palco de manifestações sociais.

¹⁰ Jornal redigido por pessoas em situação de rua a mais de 15 anos na cidade de Porto Alegre.

¹¹ Em função da chacina de moradores de rua na Praça da Sé em São Paulo em 19 de agosto de 2004, iniciou-se uma mobilização nacional que resultou na formalização MNPR (Feltran, Martinez, Rui, 2016)

Grande do Sul. Numa RNR no em parceria com um congresso de antropologia ouvimos a seguinte fala de um dos repórteres:

Me disseram pra esperar o trâmite. Várias vezes me diziam que a coisa não andava por causa do trâmite. Daí um dia eu disse, me diz logo quem é esse trâmite pra eu falar com ele. Tu vê, eu não sabia que trâmite era... tipo um processo, um caminho da coisa toda. Daí eu me dei conta que precisava voltar a estudar na EPA. E voltei pra sala de aula. Até pro cara não ser enrolado... (Mãe Gorda falando na RNR em outubro de 2016).

A potência desse depoimento nos auto falantes faz do momento de compartilhamento dessa história um agente gerador de perspectivas. Além de trazer a força das alianças com a EPA, com as letras, com a política, com os direitos sociais. O estudar entendido como necessidade de melhorar o conhecimento para tencionando os órgãos públicos com novos recursos intelectuais e linguísticos. Não porque estudar dignifica o homem, nem porque todo homem bom é estudado, ou para qualificar o currículo profissional. Estudar, nesse caso, é uma ferramenta de luta, uma arma, sobrevivência, resistência aos imperativos dominantes e processos de subjetivação capitalista que pretendem vigorar com suas narrativas sobrecodificando a vida das pessoas com marcadores categóricos. A RNR como um dispositivo que intenta a desarticulação dos fluxos hegemônicos na cidade através do incremento dos paradoxos nas falas dos participantes visibilizando a hibridez controversa que compõe nossas existências.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia Para Assuntos Jurídicos. **Decreto n° 7.053 de 23 de dezembro de 2009.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm>. Acesso em: 21 mai. 2017.



DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia.** v. 3. RJ: Ed. 34, 1996.

FELTRAN, G.; MARTINEZ, M.; RUI, T. **Nova face da vida nas ruas.** São Carlos: EDUFSCAR, 2016.

